



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*A França colonial e o regimen politico das colonias portuguezas*, por Pinheiro Chagas;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Bucolica*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Camillo Castello Branco*, (conclusão), por Alberto Pimentel;—*Um caso de loucura*, conto, por Joseph Montet;—*A Rosita*, conto, por Eduardo Frias;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A florista*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Visconde de Falcarrera*;—*Conselheiro João de Andrade Corvo*;—*A confissão*;—*Modas*;—*A sala e throno no Vaticano*.

CHRONICA

Numero 2.000

Participation dans l'Entreprise des Travaux du Port de Lisbonne, pour le cas ou Mr. H. Hersent deviendrait concessionnaire des ouvrages du dit port.

Bon personnel, non négociable, en faveur de Mr. le chroniqueur de «l'Illustration Portugaise.»

Valable pour une somme de deux contos de réis, ou 11.111 francs, payables au dit Mr. le chroniqueur... en dix annuités égales, au fur et à mesure des paiements du Gouvernement Portugais:

Un tiers en argent et deux tiers en obligations que le Gouvernement Portugais créera pour parfaire le paiement des ouvrages; lesquelles obligations seront comptées au prix de quatre-vingt mil réis, ou 444 francs, chacune.

Ce Bon personnel est valable pour une année, à dater de ce jour; il devra être visé, ou échangé, après que les marchés réguliers auront été passés avec le Gouvernement Portugais, soit près de Mr. H. Hersent, signataire du

présent, soit près du titulaire d'une lettre conventionnelle en date de ce jour.

Ce Bon ne pourra être escompté que près de Mr. H. Hersent ou du titulaire de la lettre conventionnelle,



VISCONDE DE FALCARRERA

ou enfin de la Banque que chacun d'eux pourra désigner à cet effet.

Paris, le 9 de Décembre 1885

H. HERSENT

Dizem por ahí as linguas damnadas que, entre os titulos de participação de lucros distribuidos profusamente pelo sr. Hersent, figuram alguns como o que acima copiamos, em favor do chronista d'este semanario.

Pois as linguas damnadas mentem. Se a palavra de honra não é um logar commum e uma figura de rethorica, nós damos a nossa palavra de honra de que o sr. Hersent não teve a amabilidade de nos presentear com um só d'aquelles papellinhos de *participation dans l'entreprise*, papellinhos que, se não deixaram muita gente rica, deixaram-n'a pelo menos remediada.

N'essa não cahia elle, assim como nós não cahiamos na patetice de lh'os aceitar, n'este tempo de inqueritos e de devassas judiciaes, que vae correndo para os povos da raça latina.

Ahi viemos nós, arrastados pela força das circumstancias e pela necessidade de varrer a nossa testada, remexer na lama d'esta *chantage*, que ha uns poucos de dias nos offende a pituitaria e nos faz correr o risco de cair enfermo com alguma febre de mau character.

Pois á fé, não queriamos escavar na montureira, nem bulir na vaza das obras do porto. Além de ser nocivo á saude publica, já bem combalida, agitar os canos d'exgoto, contrista sobre modo vir expôr, nos dominios immaculados da Chronica, as fezes negras e mal cheirosas d'esse immundo pantano que ahí alastra, desde a França republicana dos d'Andlau até á patria adoptiva dos Burnay & C.^a. Mas emfim, as podridões tornaram-se o assumpto palpitante, e não ha fugir-lhes, por mais que a gente desinfecte o domicilio.

Escreveu ahí algures a gazeta d'um ministro, a proposito dos *bonds* Hersent, que o figurino francez continuava em voga no nosso paiz.

Perdoe-nos o papel do sr. ministro, mas se d'esta vez houve quem imitasse, não fomos nós, fôram os francezes. Algum dia os selvagens do extremo occidente haviam de ser imitados nos seus processos de *chantage* e de ganancia. O mundo caminha, e nem sempre os pequenos povos se conservam estacionarios. Acontecelhes porém que, por muito caminharem em veredas tortuosas e meandros escuros, vão, quando mal se precatam, dar com as ventas n'um sedeiro.

Os escandalos Caffarel e Wilson são de hoje. Os escandalos Hersent e outros mais, e muitos, são de hontem; vieram primeiro á suppuração; teem, na ordem chronologica dos factos, um logar anteriormente occupado.

Não confundamos. Não procuremos tornar a pobre França responsavel, pelo exemplo nocivo que nos desse, das podridões que contaminam a nossa politica de syndicatos. *A' chacun son droit.*

Assim como o celebrado Christovão de Moura, o famoso agente de Filippe II, não aprendeu com os Caffareis a ser corruptor e corrupto, assim a geração nova dos nossos politicos não recebeu da Limouzin e do general d'Andlau lições de traficancia.

Deixemos pois os francezes em paz, e entre ao menos como attenuante, no juizo pouco lisongeiro que d'elles possamos fazer, a lisura e a promptidão com que ali se cuida de liquidar responsabilidades e de punir concussões, pedra a quem toque, sem attender a gerarchias.

Vem um pouco de longe, de meia duzia d'annos, talvez, a origem d'estas vergonhas que, no nosso pequenino meio social, estão conspurcando, no mesmo fango, ministros e banqueiros, senadores e deputados, antigos governadores civis e modernos estadistas. Essa origem, o ponto inicial d'onde partiram tantissimas miserias e aviltamentos, foi a adoração do bezerro de ouro, a sêde de ser rico, a nevrose do fausto e das grandezas.

Até ali, vivia-se modestamente, pacatamente, sem deslumbramentos, sem ambições nem exigencias tresloucadas. O ministro era um pobre diabo. O deputado, um

simples burguez humilde e consciencioso. Nem deputados nem ministros jogavam na Bolsa; limitavam-se, quando muito, a jogar a bisca familiarmente.

Com o desaparecer da velha guarda, dos puritanos leaes e jarretas, dos homens de 51, foi-se extinguindo, pouco a pouco, essa pureza immaculada de consciencias e de costumes. Dir-se-ia que os novos tiveram vergonha e medo de descer um dia á cova, como Rodrigues Sampaio, o batalhador audaz e honrado, sem legarem á familia com que lhes fosse comprada a mortalha.

E vieram então as *operações bem combinadas*, e d'ellas brotaram os escandalos monstruosos que, como o escandalo Hersent, envolvem nas malhas apertadas da sua rede tantos homens dignos de melhor sorte.

Ao passo que isto succede, apparece na imprensa uma carta, denunciando, entre injurias, que um velho ex-ministro—João d'Andrade Corvo—se vira forçado a pedir de emprestimo a um amigo algumas libras, para occorrer a necessidades imperiosas de momento, e não podéra ainda pagal-as,—crime nefando!—por ser pobre.

E os novos, os que o sr. Hersent remediou ou enriqueceu, talvez, tomados de fingida commiserção pelo *caso est-anho*, exc'amam: —O que por lá vae!

Como se, de envolta com as injurias cuspidas n'aquella carta, o sr. Corvo, o sabio illustre entre os illustres, o educador de tres gerações, não recebesse o elogio mais grandioso que podia ser feito ao seu character!

O que por cá vae, entre os velhos, pode ser triste, mas não foi nunca deshonoroso.

Tendo gerido, por largos annos, os negocios de quasi todas as pastas, o sr. Corvo chega ao ultimo quartel da vida e encontra-se pobre, e vê se forçado a pedir de emprestimo algumas centenas de mil réis.

Mais ainda: tão falta de recursos se encontra—signal evidentissimo de que muito honrado foi sempre como ministro,—que não póle solver de prompto o seu debito, arrostando com as iras do credor implacavel. Eis o grande crime, crime que se traduz na maior de todas as virtudes, que significa a mais pura de todas as isenções, que vem, emfim, revelar a existencia difficil d'um pobre, mas que não denuncia um delapidador dos dinheiros publicos.

E' vergonha dever? Não é. E quando um homem que, como ministro, negociou emprestimos, que sobraçou umas poucas de pastas durante largos periodos, que podia ter-se locupletado á farta nos cofres do Thesouro, quando um homem d'estes chega ao occaso da vida, tendo de pedir emprestado algum dinheiro, é porque, acima de tudo, prezou sempre a honra no desempenho das altas funcções officiaes de que foi investido.

Quando se injuria, por ser pobre, um vulto da estatura d'Andrade Corvo, presta-se-lhe uma homenagem.

Já em vida de Fontes, a phrase commiserativa e afrontosa ao mesmo tempo:—«O que por lá vae!» era escripta pelas pennas que hoje a editam, para stygmatisar aleivosamente peculatos que a maledicencia politica—a peor de todas—architectava *au jour le jour* com intuitos deprimentes e mesquinhos.

E no entanto, a morte, diante da qual se faz quasi sempre justiça, veio mostrar que Fontes Pereira de Mello era pobre e acabára, devendo como devendo e pobrissimo acabára Rodrigues Sampaio, o ministro de tantos ministerios.

Em frente dos cadaveres d'aquelles dois grandes, a maledicencia calou-se. Ha de agora calar-se, tambem, diante d'outro quasi cadaver, que desceu das cumiadas do poder com os bolsos vazio e a consciencia immaculada e serena.

Calar-se-ha ella diante dos mysterios do porto de Lisboa?

A França Colonial e o regimen politico das colonias portuguezas

Cá estamos outra vez com o nosso amigo o sr. Alfredo Rambaud, e é para darmos conta de uma obra que elle acaba de publicar, que tem incontestavelmente alto valor, e que bem seria que fosse imitada no nosso paiz.

A obra que o sr. Alfredo Rambaud acaba de publicar intitula-se a *França Colonial*, mas não é escripta, é simplesmente dirigida por elle. Compõe-se de diversas noticias relativas ás diferentes colonias francezas, cada uma d'ellas redigida por um escriptor que viu e conhece a colonia.

Cada uma d'essas noticias se divide em cinco partes relativas á historia, á geographia, á ethnographia, ao governo e administração, á geographia economica e á colonisação.

Trata o sr. Foncin da Argelia, e descrevendo minuciosamente essa antiga colonia franceza, procura demonstrar que a França tem o maximo interesse em identificar essa colonia comigo o mais possível.

Occupa-se da Tunisia, o sr. Jacques Tissot e sustenta que de todas as conquistas feitas n'este seculo pelas nações europeas «nenhuma é mais bella do que esse pedaço de terra africana, contigua á nossa antiga Argel.»

A colonia do Senegal é estudada pelo major Acrihard, o qual sustenta que poucos Europeus são necessarios n'aquella colonia para a manterem e dirigirem. Quinhentos Europeus, no seu entender, bastam para que esta colonia prospere com os seus elementos africanos.

E' bom consignar estas observações, que são muito applicaveis tambem á nossa proxima colonia da Guiné.

Os estabelecimentos dos Francezes no Congo, no Gabão, no Dhomey—são estudados pelos srs. Médard Bérant, Brétignière, Dutreuil de Rheims. Registremos aqui uma observação extremamente sensata feita pelo sr. Dutreuil, e que a experiencia dos nossos colonistas confirma completamente.

«O homem, diz o sr. Dutreuil de Rheims, pode viver em todas as latitudes... quando as estatisticas colonias innumeram os doentes, não dizem qual é o seu genero de vida; não nos dizem que a maior parte, militares, funcionarios e colonos, commettem todas as imprudencias imaginaveis, gastam, graças aos seus altos vencimentos, cinco ou seis vezes mais do que em França, e levam, debaixo de um clima de fogo, uma existencia que os gastaria na Europa quasi com a mesma rapidez.»

E' perfeitamente exacto este facto, e temol o ouvido repetir muitas vezes a homens que tem das colonias largo conhecimento. O sr. Leão Roque, citando n'um estudo consagrado tambem a assumptos colonias esta phrase do sr. Dutreuil, acrescenta com graça:

«Esta opinião é partilhada pelos Europeus que se acclimataram nas colonias e prova que, em vez de se mandarem reincidentes para os climas tropicaes, deviam mandar-se pessoas virtuosas. A Academia, em vez do premio Monthyon, deveria distribuir concessões no Oeste africano.»

O sr. Jacob de Cordemoy escreve o artigo acerca da colonia da Reunião ou ilha Bourbon, colonia cuja importancia extrema está agora principalmente na colonisação franceza de Madagascar.

O sr. G. Marcel escreve a noticia acerca de Madagascar, e o sr. Paulo Soleillet a noticia acerca das novas possessões francezas no Mar Vermelho, estações que são principalmente depositos de carvão que a França estabeleceu no caminho da India.

A India franceza é estudada n'um artigo interessante pelo sr. Deloncle, que considera Pondichéry e Chandernagor como colonias dotadas de todos os organismos necessarios ao seu bem estar, á sua grandeza e á sua segurança.

A *Indo China* franceza, que hoje comprehende principalmente a Cochinchina e o Tonkin, é estudada pelo capitão Bruinai e pelo sr. Paulus, que nada tem, como podem imaginar, como o famoso cantor de cançonetas.

São os srs. Lemire e Goupil os encarregados dos artigos relativos á Nova-Caledonia com as suas dependencias, que são as ilhas Loyalty, Bé ép, Huon, Chesterfield, e as Novas Hebridias, e as ilhas de Taiti, as Gambier, as Tubai e as Marquezias.

O sr. Nicolas, tratando das ilhas de S. Pedro e Miquelon, de-beis reliquias do immenso imperio colonial que a França teve outr'ora na America do Norte, diz que essas ilhas tem ainda hoje uma grande importancia.

Seguem-se, enfim, a noticia acerca de Guadalupe, feita pelo sr. Isaac, da Martinica, feita pelo sr. Huvad, da Guyana pelo sr. Léveillé, e finalmente das ilhas Kerguelen, das quaes a mais conhecida, diz o sr. Roquet, é a ilha da Desolação, que bem merece o seu nome.

E' curioso ver n'esta rapida noticia o immenso desenvolvi-

mento que tem tido n'estes ultimos tempos, o imperio colonia da França.

Quando existiu o primeiro imperio, a França colonial estava reduzida em Africa ao Senegal, a Gabão, á ilha de Reunião, um pequeno archipelago proximo de Madagascar; na Asia a Pondichéry e Chandernagor; na America a Guadalupe e Martinica, S. Pedro, Miquelon e Guyana; na Oceania ás ilhas Marquezias.

A Restauração accrescentara a estas possessões a cidade de Argel, o governo de Luiz Philippe o resto da Algeria e outras ilhas da Oceania, a maior das quaes era Taiti.

O segundo imperio conquistou a Cochinchina.

A republica juntára á Argelia a Tunisia, ao Senegal e Gabão os estabelecimentos do Congo e da Cotonum, á Reunião o protectorado de Madagascar, á Cochinchina o Tonkin, ás ilhas oceanicas novas ilhas.

Assim, hoje o imperio colonial de França tem 21 milhões e meio de habitantes e uma superficie de 3 milhões de kilometros quadrados.

Mas como dissemos, o plano d'esta obra era excellente para ser imitado em Portugal, e prestaria altos serviços ao nosso paiz o editor que, conglobando n'uma só obra artigos relativos ás nossas sete provincias ultramarinas, escriptos por homens que d'ellas tivessem conhecimento especial, nos dissessem os recursos do Cabo Verde, nos informassem acerca do futuro colonial da Guiné, nos contassem o que é e o que vale a ilha de S. Thomé com o seu novo annexo o protectorado da côrte de Dhomey, nos esclarecessem acerca das condições de Angola com o rico e esperançoso districto de Mossamedes e o novo districto do Congo, nos descrevessem Moçambique e as suas condições especiaes, a India na nova phase da sua existencia creada pela abertura do caminho de ferro de Mormugão, Mau e Timor em fim reunidos convencionalmente n'um districto só, mas de indole tão absolutamente diversa.

Nada dissemos porém ainda que justificasse a segunda parte do nosso titulo, e que mostrasse a relação que existia no nosso espirito entre a França colonial, tal como a descreve o sr. Alfredo Rambaud e o regimen politico das colonias portuguezas.

E' muito simples.

O sr. Alfredo Rambaud, com o conhecimento profundo que já mostrámos que elle tem das coisas portuguezas, escreve o seguinte, com o intuito de demonstrar que a França é quasi a unica nação que se tem approximado da solução para o problema da administração das raças estrangeiras:

«Só a França, até agora, ousou conceber a França e as colonias como formando uma só patria, um só Estado; não só dotou as suas dependencias de representações locais, mas por uma politica que sobe ao decreto de 22 de agosto de 1792, assegurou-lhes uma representação no seu parlamento.»

Ora, se o sr. Alfredo Rambaud conhecesse um pouco a historia portugueza, saberia que Portugal tambem ousou conceber essa mesma idéa, que tambem para nós as colonias são as provincias ultramarinas da patria portugueza, e que tambem nós lhes assegurámos uma representação no nosso parlamento.

Dir-nos-ha o sr. Alfredo Rambaud que imitámos a França. De accordo, mas, se a imitámos, não a deixámos só, como o sr. Alfredo Rambaud aliás affirma.

Agora o que é curioso é que os jornaes que dão conta do livro do sr. Rambaud, entre outros o *Jornal dos Economistas*, censuram-no asperamente por esta phrase, que alcunham d'um verdadeiro «chauvinismo», quer dizer de um patriotismo prudhomesco: «Se queremos colonisar, diz o *Jornal dos Economistas*, devemos mudar rapidamente os nossos processos de administração.»

Principalmente o que os irrita é a famosa phrase a respeito da representação parlamentar das colonias; dizem que é uma phrase irritante e perigosa, que tende a sacrificar a personalidade politica da França a um principio abstracto, mettendo no parlamento um terço de deputados de todas as côres.

Accrescenta que houve barbaros no senado romano, mas que foi na epoca da decadencia.

De forma que, no entender do *Jornal dos Economistas*, nós não deviamos admittir no nosso parlamento nem o sr. Elvino de Brito, que é indio, nem o sr. Sousa Machado, que é cabo-verdeano, porque são barbaros.

Nós não defendemos a representação parlamentar das colonias; te-mos inconvenientes praticos muito diversos porém d'aquelles que o *Jornal dos Economistas* cita.

O que elle não vê é que as colonias representadas no parlamento são já deveras membros, entre nós, da patria portugueza, lá da patria franceza, e que os seus representantes estão intimamente consubstanciados com os sentimentos, as idéas, as aspirações da mãe patria.

E' essa, realmente, a superioridade das raças latinas e muito especialmente da França e de Portugal: fazerem dos povos que dominam, unidades do grande todo nacional. E' por isso que o sr. Alfredo Rambaud tem razão quando considera essa qualidade como uma das que dão á França raras aptidões colonisadoras.

Mas não ha meio de se conseguir que o sr. Alfredo Rambaud, apesar de se occupar de nós, conheça um pouco o que se passa em Portugal.

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 13)

XI

Mulher na costa

A explicação não tardou.

E foi cabal e completa.

O Simões tinha sido sempre um marido exemplar, um excelente chefe de família, occupado no amanho das suas terras, nos trabalhos da sua lavoura, na administração da sua casa.

E essa administração seria muito sabia, porque, como já vimos, o sr. Simões, que Deus haja, não furava paredes—mas, muito economico e seguro, tinha feito prosperar a sua casa.

Tudo correu muito bem até ao dia em que, tendo o Hermanzinho d'ir para Coimbra, Simões se viu obrigado a separar-se da sua companheira.

Essa separação custou-lhe muito; os dois eram muito amigos, viviam juntos ha muitos annos, como Deus com os anjos, e não foi sem lagrimas sinceras de saudade que o Simões deixou sua mulher e seu filho em Coimbra e voltou sosinho para a sua casa.

E o Minho, que sempre fôra para elle tão alegre, pareceu-lhe profundamente triste d'essa vez.

Nos primeiros dias que viveu só, o pobre Simões amou.

De dia, enquanto andava pelos campos dando ordem á sua vida, dirigindo os trabalhos da vindima, commandando o seu pequenino exercito de trabalhadores, ainda a coisa não ia mal; mas á noite, quando regressava a casa, é que eram ellas!

Quando se encontrava sosinho no seu grande casarão deserto, quando se achava mettido entre as quatro paredes do seu quarto, o pobre Simões tinha vontade de chorar.

E ás vezes satisfazia essa vontade e nos seus olhos bailavam umas lagrimas muito sentidas.

Elle não estava bem sosinho, isso era verdade, tinha em sua casa uma criada velha, uma mulher de muita confiança, que lá estava havia numerosos annos, e que lhe fazia a cozinha e lhe tratava da roupa.

Mas essa mulher, era uma boa e honrada mulher decerto, mas era labrega e velha.

Quando elle voltava do trabalho, a velha punha-lhe a ceia na mesa, e depois sentava-se ao lado d'elle, para lhe fazer companhia.

As suas intenções eram as melhores d'este mundo, mas coitada! havia uma coisa que era muito superior ás suas boas intenções.

E essa coisa era o somno.

Moida e cançada da lida da casa, que não era muito para qualquer outra pessoa, mas que era enorme para os seus setenta e tantos annos, a pobre velha, apenas se sentava para fazer companhia ao seu amo, desatava a dormir como uma bemaventurada.

E quando ás vezes o Simões lhe dirigia a palavra, respondia-lhe apenas um sonoro ronco de somno bem dormido.

O Simões ficava muito desapontado, sentia toda a pena enorme da sua solidão, do seu isolamento, e recolhia-se ao seu quarto, profundamente triste e desconsolado.

Mas no fim de tudo, resignava-se.

—O que se lhe ha de fazer? disse elle com os seus botões. Não ha remedio senão aguentar. E' um grande sacrificio, mas é um sacrificio feito á educação do meu doutor, e os paes teem obrigação de se sacrificar pelos filhos!

E ia aguentando. O que fazia, no que se desferrava, era em todas as vezes que tinha occasião, dar uma fugidinha até Coimbra e passar lá uns dias com seu filho e com a sua mulher, com a sua mulher, que sentia muito menos a ausencia do marido, porque tinha sempre junto de si o seu filho adorado.

E as coisas foram-se passando assim, durante um anno.

O Simões habituou-se tanto quanto uma pessoa se pode habituar ás coisas agradaveis.

Quando as ferias do natal, do entrudo e da paschoa levavam á sua casa deserta a sua mulher e o seu filho, era uma alegria enorme.

Mas como tudo n'este mundo tem o seu reverso, essa alegria era paga bem duramente, com o agravamento que a animação d'esses dias de festa trazia a solidão que se lhes succedia.

Mas enfim, este novo modo de vida entrara nos seus rails e o Simões estava conformado com elle.

Um dia, porém, no pino do inverno, a sua velha criada cahiu de cama com uma pneumonia.

O Simões ficou aterrado e atrapalhadissimo.

Sósinho em casa, com uma velha gravemente doente, precisando de quem a tratasse, como demonio havia elle de fazer aquillo?

N'essa afflicção valeu-lhe um dos seus trabalhadores, um hespanhol que poucos dias antes apparecera na terra a pedir trabalho e que elle tomara mais por dó do que por necessidade.

Esse hespanhol, um rapaz ainda, contara-lhe as suas desgraças.

Tinha vindo da Catalunha com sua mulher, contractado por um empreiteiro d'umas obras de caminho de ferro.

Esse empreiteiro, porém, tomara-o de ponta por uma historia qualquer, e um bello dia despedira-o.

E aqui se encontrou o Sanchez—que era o nome d'elle—sem dinheiro e sem trabalho, n'um paiz estranho onde não conhecia ninguem, sem ter meios para voltar para a sua terra, que ficava muito longe, tendo que sustentar sua mulher, e não encontrando commodo em parte nenhuma, já porque em todas as portas a que batia lhe diziam que não precisavam de mais trabalhadores, já porque o idioma lhe creava difficuldades, e a sua nacionalidade inspirava poucas sympathias.

O Simões teve dó do Sanchez, e apesar de não precisar muito de mais gente, admitiu-o nas suas fazendas.

Un bienfait n'est jamais perdu, dizem os francezes, e a esmola que fez o Simões não se perdeu.

O Sanchez, que elle salvara da miseria, foi quem a seu turno o salvou da situação difficil em que o pozera a pneumonia da sua criada velha.

Muito afflicto quando pela manhã ao acordar encontrou a velha cheia de febre, a tremer de frio e não se podendo litteralmente ter em pé, o Simões chegou á janella e chamou o primeiro dos seus trabalhadores que encontrou ao alcance da sua voz.

Esse trabalhador foi o Sanchez, por acaso.

Correu logo ao chamamento, a receber as ordens de seu patrão.

O Simões mandou-o chamar o medico, contando-lhe ao mesmo tempo o que lhe acontecia e a situação terrivel em que se encontrava.

—E de caminho, disse-lhe elle, você indague por ahí, veja se descobre alguma mulher capaz, que queira vir para cá uns dias tratar da doente e fazer-me o almoço, o jantar e a ceia, dar-me as voltas da casa enquanto ella não arriba.

—Se o senhor quer, offereceu logo Sanchez n'um hespanhol aporuguezado, sem ir mais longe, posso mandar para cá minha mulher.

—Sua mulher?

—Sim, senhor... se hade estar lá em casa... vem para cá estes dias, enquanto o sr. não encontra mulher, e se ella lhe servir... se estiver contente com ella... pode ficar cá o tempo que quizer.

—Mas sua mulher é hespanhola... e não nos entendemos com ella... nem eu nem a doente.

—E' hespanhola, mas já falla o portuguez melhor do que eu... aquillo é viva como o demonio!

—Pois sim, mas a você faz-lhe-falta lá em casa sua mulher, para lhe arranjar a comida, para tratar de você.

—Isso não tem duvida, o comer é umas sopas que eu sei fazer... o senhor dá-me licença para eu, ao almoço e ao jantar, me demorar um bocado mais, e faço a comida n'um momento; por amor d'isso não se prenda.

—Mas, então n'esse caso venha você comer cá a casa, respondeu o Simões, muito inclinado a aceitar o favor que lhe offerecia o hespanhol, por ver que ao menos o tirava provisoriamente dos assados em que se via.

—Pois então, eu vou chamar o medico, e de caminho digo a minha mulher que venha cá!...

—Sim, vá depressa.

O Sanchez sahiu e o Simões foi para junto da velha, ver como ella estava.

D'ali a nada bateram á porta.

—Quem é? perguntou o Simões, julgando que fosse o medico e correndo á porta.

—Uma sua creada, respondeu em meio hespanhol uma voz argentina de mulher.

Era a hespanhola, a esposa de Sanchez.

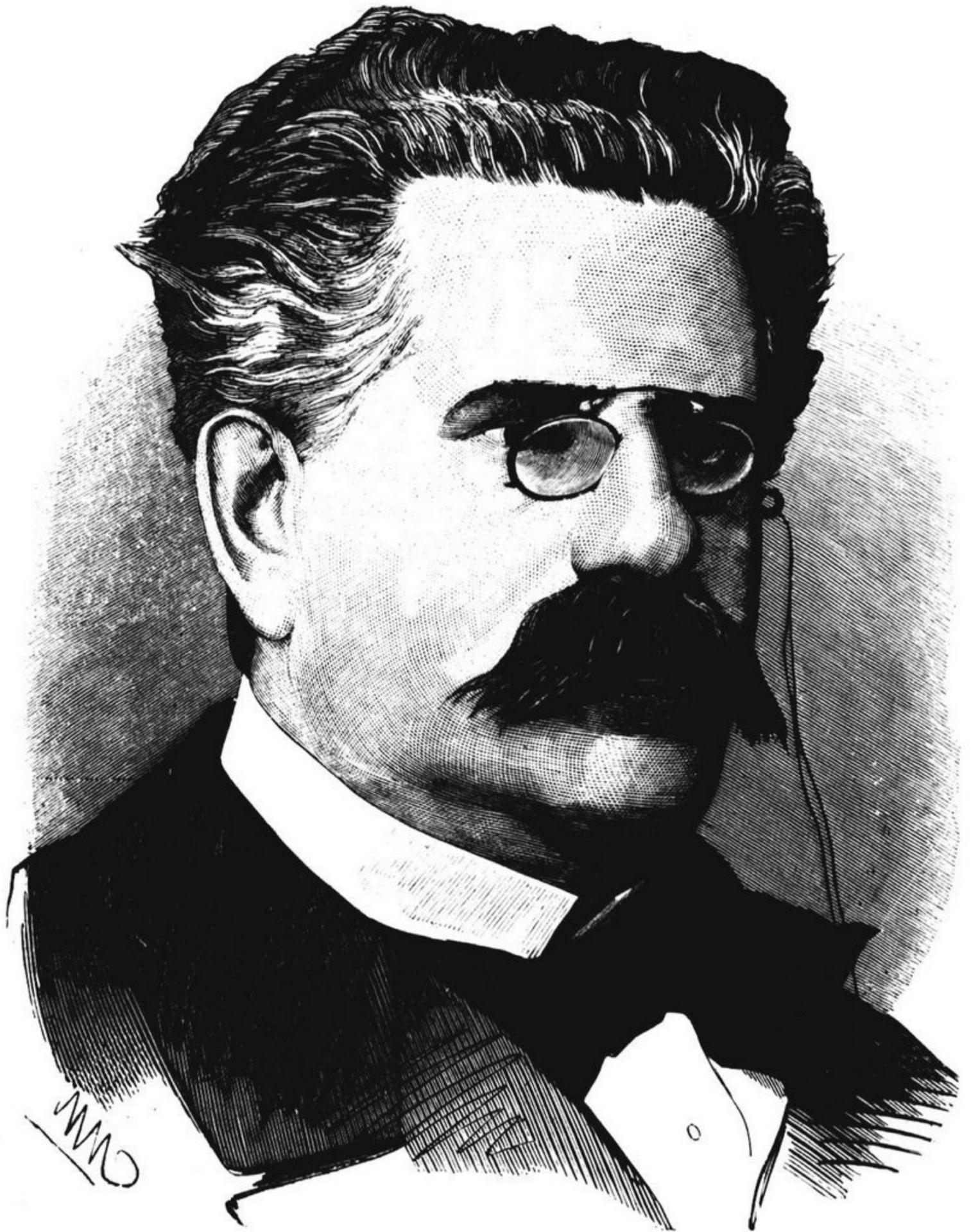
(Continúa).

GERVASIO LOBATO

BUCOLICA

Põe tons sombrios nas lombas
Da serra a nuvem que passa...
Um vôo nevado de pombas,
Rufando, no azul perpas.a.

Tarde já, purpureo o sol.
Cahem douradas as folhas,
E ha no ar languido e molle
O quente olôr das restolhas.



CONSELHEIRO JOÃO DE ANDRADE CORVO

Os carros levam, cantando,
As dornas pelos atalhos.
Vem para o bardo chegando
Os claros sons dos chocalhos.

Das eiras, asp'ro e alongado,
Sae um descante... Um boieiro
Recolhe, fumando, o gado,
Voltam mulher's do ribeiro.

Cahira a noite. As estrellas
Scintillam sobre o velludo
Do ceu sem luar. Ao vél-as,
Medito pallido e mudo

N'uma campina infinita,
Em sementeiras a flux,
Onde germina e palpita
Uma colheita de luz,

E scismo que o ceu profundo
E' um grande espelho, suspenso,
Onde se reflecte immenso
O velho campo do mundo!

ALBERTO OS. RIO DE CASTRO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Apontamentos para a sua biographia)

(Continuado do numero anterior)

Faz honra á camara dos pares a maneira por que recebeu e votou o projecto.

Nesta camara nenhuma voz discordante se levantou para discutil-o. Dois pares uzaram da palavra para se congratular com elle, e glorificar Camillo. Todos os outros, dos quaes muitos são titulares, e não poucos representantes da velha fidalguia portugueza, adheriram á iniciativa emanada da outra casa do parlamento, approvando o projecto.

Foi na sessão de 6 de julho d'esse mesmo anno (1885) que entrou em discussão o Parecer n.º 83, cujo theor era o seguinte:

«Senhores—A' vossa commissão de fazenda foi presente o projecto n.º 91, vindo da camara dos senhores deputados.

«Este projecto tem por fim dispensar o distinctissimo escriptor portuguez, Camillo Castello Branco, do pagamento de direitos correspondentes á mercê do titulo de visconde de Correia Botelho, com que foi agraciado.

«Ninguem pôde pôr em duvida o merecimento do notavel e fecundo escriptor, e que esta dispensa de direitos devidos á fazenda nada mais é do que a glorificação do talento e do trabalho, e a demonstração de que a graça foi recabar sobre aquelle que consumiu a vida em enriquecer a litteratura portugueza.

N'estes termos a vossa commissão é de parecer que o projecto deve ser approvedo.

Sala da commissão, 3 de julho de 1885.—A. de Serpa—Thomaz de Carvalho—Gomes Lages—Augusto Xavier Palmeirim—Telles de Vasconcellos, relator.

Projecto de lei n.º 91

Artigo 1.º É dispensado o escriptor portuguez Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello pelo titulo de visconde de Correia Botelho, com que acaba de ser agraciado.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Palacio das côrtes, em 27 de junho de 1885.—Luiz Frederico de Bivar Gomes da Costa, presidente—Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, deputado secretario—Sebastião Rodrigues Barbosa Centeno, deputado vice secretario.

O dr. Thomaz de Carvalho pedira a palavra, e dissera no meio do silencio attentissimo de toda a camara:

«Desejo que este projecto de lei não seja approvedo pela camara dos dignos pares do reino como qualquer d'aquelles que nas ultimas sessões são apresentados e discutidos, e quasi sempre votados, perdoe-se-me a palavra, inconscientemente.

Direi apenas duas palavras para significar o meu assentimento ao voto que foi expresso pela camara dos senhores deputados.

De que se trata n'este projecto? Trata-se de galardoar um homem de letras, cujo nome é considerado por todos e que tem despendido, consumido, por assim dizer, toda a existencia em do-

tar o paiz com as producções do seu feliz e fecundissimo engenho.

Os parlamentos e os governos honram-se quando praticam actos d'esta ordem, a que não estamos muito acostumados.

Na outra camara, o sr. Antonio Candido disse os merecimentos do agraciado n'aquella phrase de ouro, que lhe é habitual. Ninguem ignora ser elle um verdadeiro esculptor da palavra e como tal levantou em alto relevo o vulto literario do homem que mais tem contribuido n'estes ultimos tempos para o aperfeiçoamento e para o estudo da lingua portugueza.

Este, quanto a mim, é o maior de todos os merecimentos do sr. Camillo Castello Branco.

A muitos parecerá que o projecto de lei constitue uma excepção, e todas as excepções são odiosas e inconvenientes. Offendem o que nós temos de mais intimo na consciencia, o que mais prezamos; o sentimento da igualdade. Escuso de citar exemplos a este respeito, porque tinha muitos, mas como já disse, o meu intuito é que não passe sem a attenção da camara o projecto de que fallo.

Não é uma excepção, antes é o estabelecimento de uma regra, de um principio que poderá servir de precedente para casos semelhantes. Significa que a patria não esquece e sabe premiar aquelles de seus filhos, que pelas suas virtudes, pela sua abnegação, pelo seu engenho e talentos poderam illustrar e engrandecer o berço onde nasceram. Os que são lidos na historia e n'esta camara todos o são, sabem que em Athenas havia uma rua chamada das Estatuas, onde o povo grego ia aprender as lições das virtudes civicas n'aquellas representações semivivas dos heroes que serviram e exaltaram a republica.

Ja que não podemos ter uma rua das Estatuas, não regateemos os louvores devidos aos que serviram gentilmente a patria. É por este sentimento, consagrado no projecto de lei n.º 91, que eu applaudo e louvo o voto da camara dos senhores deputados, e, se me não illudo, conjecturo que a camara dos pares se associará de boa mente ao levantado pensamento que o dictou na outra casa do parlamento.»

Seguiu-se-lhe o visconde de Moreira de Rey, que pronunciou, com igual attenção da camara, estas breves palavras:

«Fulgo de me associar tanto ás palavras como ás idéas manifestadas pelo digno par, o sr. Thomaz de Carvalho. Por isso que s. ex.ª disse tudo, apenas me resta acrescentar que sinto que a um cidadão de tanto merito, a um escriptor tão distincto, não tenhamos ensejo de prestar maior testemunho de consideração.»

Em seguida foi o projecto approvedo, e assim completou o parlamento portuguez a solemne demonstração da elevada consideração que lhe merecera o mais fecundo, vernaculo e elegante escriptor dos nossos dias.

Consummou-se, por intermedio dos representantes do paiz, a mais gloriosa apothose, tan'o mais gloriosa por ser unica, que Portugal tem dispensado a um dos seus homens mais illustres, a uma das suas maiores notabilidades litterarias.

ALBERTO PIMENTEL.

UM CASO DE LOUCURA

—O facto deu-se o anno passado, disse Prospero Landry ao seu amigo. Eu estava, por especial favor, no gabinete do chefe da policia, onde esperava que me vizessem o meu passaporte, quando de subito vi entrar um homem muito perturbado. Era um dos primeiros joalheiros da cidade.

Em algumas palavras, o recém chegado expoz a sua historia ao chefe da policia. Tinham-lhe roubado cincoenta mil francos, e o ladrão, a despeito das saias, fugira para longe.

Porque a proeza, segundo o depoimento do queixoso, era obra de uma mulher.

Na vespera, ás quatro horas da tarde, uma elegante carruagem parára á porta da ourivesaria, apeara-se uma senhora, correctamente vestida, de uma distincção irreprehensivel, de um fino ar aristocratico. A todos estes predicados, a senhora juntava uma belleza insinuante e irresistivelmente sympathica.

A gentil compradora escolheu cinco ou seis joias, aneis, braceletes e brincos, no valor de oito mil francos, que pagou com uma vaga distracção de bom tom.

Depois, á saida, reparou, por acaso, em um collar de brilhantes, exposto na vitrine, falcando no fundo escuro do velludo.

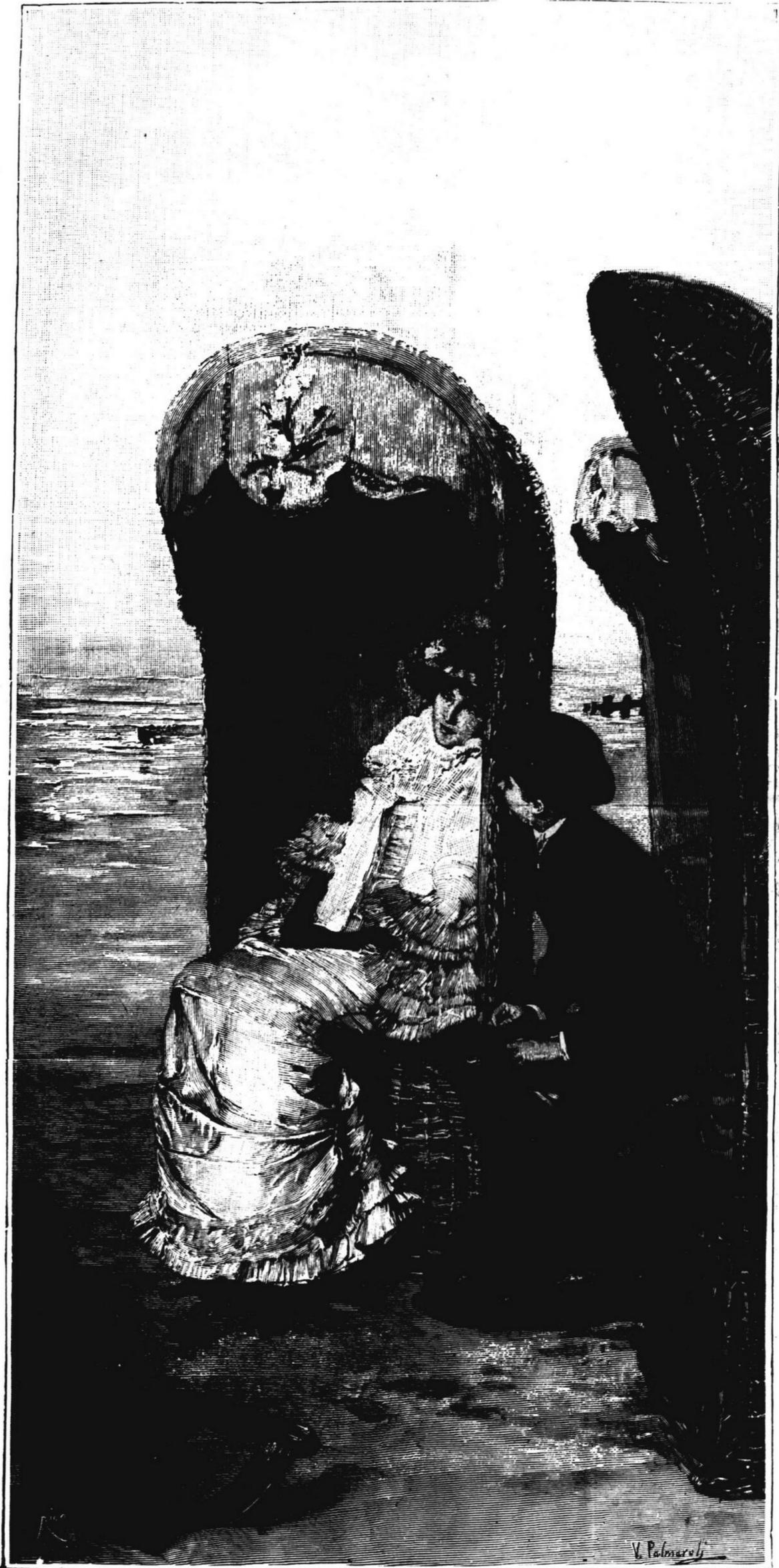
—Quanto custa?

—Cincoenta mil francos, minha senhora.

—Cincoenta mil francos é um pouco caro.

—Oh! minha senhora, repare para o facetado, para a limpida transparencia das pedras!

E já o estojo passara da vitrine para o balcão, sob o olhar da formosa cliente, um pouco tentada...



A CONFISSÃO

—Pois bem! concluiu ella, deliberadamente, voltarei esta noite com meu marido. . . Não tenho commigo dinheiro que chegue.

—Se é só isso, minha senhora, acudiu o joalheiro, não querendo deixar esfriar o capricho, se é só isso, o meu caixeiro acompanha-a-ha a casa.

A elegante fregueza esboçou uma debil resistencia, em seguida, annuiu.

E o primeiro caixeiro subiu para a carruagem, levando o collar no estojo, hermeticamente fechado.

Em seguida, nunca mais appareceu.

Ter-se-hia o rapaz evadido com o dinheiro do collar? . . . Impossivel! Exercia o seu logar havia dez annos, tinha sociedade na casa.

Evidentemente, o pobre rapaz cahira em algum laço. Mas de que genero?

Com o meu passaporte vizado, dispunha-me a sair, aguilhoado pela curiosidade de conhecer o resto da aventura, quando o chefe da policia me fitou, sorrindo:

Interessa-o o negocio?

—Bastante.

—N'esse caso, appareça amanhã, depois do meio dia. E' possivel que eu já esteja de posse do fio da meada.

No dia seguinte, ás duas horas da tarde, achava-me no gabinete policial.

Decorridos dez minutos, o chefe de policia veio direito a mim:

—Ja tenho nas mãos a chave do enigma. Sei o que foi feito do caixeiro.

—Morreu?

—Não. O pobre diabo esteve, por espaço de trinta e seis horas, encerrado em uma casa de doidos. E' quasi tão comico como um *vaudeville*; oiça.

E o chefe da policia, com um prazer de dilettanti, contou-me prolixamente as peripecias da devassa.

O seu primeiro cuidado fôra descobrir a carruagem e o cocheiro que tinham servido para effectuar o rapto.

Do interrogatorio do cocheiro, apurou-se ter elle conduzido uma senhora á ourivesaria, em seguida levára a mesma senhora, acompanhada de um rapaz, a uma casa de boa apparencia.

Vinte minutos depois do interrogatorio, um dos melhores agentes, escoltado pelo cocheiro, batia á porta da casa.

O proprietario da mesma era um doutor, um medico de talento, especialista de doenças nervosas, condescendente euphemismo sob o qual a descripção profissional occulta, tanto quanto póde, a grande palavra loucura.

Fôra elle que servira de inconsciente cúmplice á ladra dos diamantes.

Logo que o agente se achou na presença do medico, todo o drama se reconstruiu.

Oito dias antes, uma mulher moça e bonita viera consultal-o. Muito triste, muito abatida, com todas as apparencias de uma commoção sincerissima, a senhora confiára ao clinico o desgosto que de subito, um mez antes, viera envenenar a sua existencia.

Seu marido enlouquecera. Uma estranha mania perturbara-lhe o cerebro, a mania das joias. As joias inspiravam-lhe uma paixão exclusiva e violenta, que degenerara em furor.

Primeiro, imaginara possuir muitas e opulentas joias; em seguida, accusava toda a gente de querer roubar-lh'as. A' menor contradicção, caia em uma especie de assombro, ao qual succedia, frequentemente, um terrivel paroxismo de colera.

De dia a dia, as crises amiudavam-se, augmentando simultaneamente em frequencia e intensidade. Não tardaria o momento em que o doente se tornasse perigoso. . . Que fazer? recolhel-o em uma casa de saude? A razão impunha-o. Mas que cruel extremidade!

Só com a idéa de uma tal violencia, exercida sobre um ente tão querido, a pobre senhora estremecia.

Como conciliar o seu dever com a sua sensibilidade?

O medico auxiliara a, suscitando-lhe combinações prudentes e brandas.

Afinal, resolveram o seguinte: a joven senhora levaria seu marido a casa do medico, para o que simularia uma visita; depois, com um pretexto qualquer, a senhora iria para um quarto immediato; e como a casa tinha duas saídas, retirar-se-hia sem tornar a ver o doente, que ficaria a cargo do habil alienista.

—Doutor, disse a senhora á despedida, só em ultimo caso me resolverei a semelhante extremidade.

Durante seis dias, o doutor não a tornou a ver. Uma manhã, entrou-lhe em casa, desalentada e resignada. . .

—Doutor, entrego tudo nas suas mãos!

No dia subsequente, á hora convencionada, a joven senhora voltou acompanhada.

Introduziram-a na sala, onde deixou seu marido, e entrou no gabinete do medico; ahí, balbuciou algumas palavras dolorosissimas, limpou uma lagrima e desapareceu, correndo, como que desvairada pela intensidade do soffrimento.

Na sala, o doente ficara só. O medico espreitava-o pela porta entre-aberta. Por espaço de um quarto de hora, o enfermo conservou-se tranquillamente assentado. Ao cabo de vinte minutos, relanceou um olhar inquieto pela sala.

Cinco minutos depois, levantou-se, mostrando-se nervoso, passeando de um lado para outro, perscrutando as paredes e as portas com um olhar desconfiado. Afinal, ia sair, quando o clinico appareceu.

A explicação entre os dois foi rapida. A's primeiras palavras articuladas pelo medico, o homem respondeu:

—Perdão, se os diamantes não lhe agradam, queira restituir-m'os.

—Que dia nantes?

—Os que entreguei a sua esposa para mostrar-lh'os.

—Sua esposa? . . . O desgraçado attingira o cumulo da loucura, julgando que sua esposa era mulher d'outro! Decididamente, o caso apresentava a maxima gravidade.

A gravidade declarou-se de repente com uma energia imprevisita.

Em seguida a uma phrase evasiva, onde o doutor se esforçara em resumir toda a sua subtileza de alienista, o homem agarrou-lhe no pescoço com mão robusta e apertando-lhe a gravata branca, bradou:

—Ladrão! ladrão!

Tres minutos depois, o doido tornara se furioso, tinha a camisola de forças, e cinco minutos mais tarde era-lhe applicado o duche.

Estaria ainda em tratamento, accrescentou o chefe da policia, se o seu patrão não tivesse tido hontem a boa lembrança de vir entregar o caso á policia.

Quanto á mulher que desapareceu sem deixar o menor vestigio revelador, as vinte e quatro horas de segurança, adquiridas pelo seu engenhoso estratagem, bastaram-lhe de certo para passar a fronteira.

—E aqui tens tu, meu caro, concluiu Landry, um bello assumpto para um drama, um assumpto verdadeiro, que é de suppor que as plateias reputem um assumpto inverosimil!

JOSEPH MONTET.

A ROSITA

(À EX.^{ma} SR.^a D. GUIOMAR TORREZÃO)

Uma rapariga encantadora—a Rosita. Tinha apenas 18 annos e era branca como o leite, loura, esbelta, flexivel, graciosa, de olhos azues muito meigos, sempre com um sorriso nos labios finos, carminados, appetitosos como um desejo, atravez dos quaes reluziam dois fios de perolas. Era a suprema encarnação do Bello, um d'estes typos divinaes que poderia servir de modelo a uma virgem de Murillo.

Na sua aldeia, á excepção d'um ou outro *despeitado*, todos preconisavam a bondade da sua alma, todos tinham por eila uma sympathia sincera, profunda. Rosita era uma camponesa pobre.

Vivia com a mãe n'uma casa de aspecto humilde e occupava-se, quasi sempre, na cultura e amanho d'uma pequena geira de terra, que seu pae—fallecido havia poucos annos—consequira adquirir á custa de muito trabalho, de muitas canceiras e economias. Vivia, comtudo, feliz, e aos domingos, quando de tarde se reuniam no adro da igreja, era ella a alegria, o enlevo de todas as companheiras nas suas infantilidades. Tinha tambem o seu *conversado*, o Alberto—um rapaz alto, robusto, elegante, de olhar negro e vivo, que passava pelo mais valente do logar.

Todas as noites trocavam as suas ternas confidencias, os seus segredos intimos, os seus protestos de mutua dedicação, idealizando um futuro ditosissimo, engrinaldado pelas perfumadas florescencias da alegria e do amor. E passavam horas esquecidas a expandir assim todo o suave arrebatamento das suas almas, que mais e mais se vinculavam, se confundiam nas mesmas manifestações, nos mesmos sentimentos. Quantas vezes a mãe da Rosita, já impaciente e um pouco *desconfada*, perguntava da porta:

—Então? Ainda não são horas, menina?! Acha pouco?

E Rosita desgostava-se com estas interrupções. Sentia-se tão bem, tão feliz! E' que estava ali o lume dos seus olhos, o enlevo da sua alma, a ventura da sua vida. Afinal, separavam-se com um longo e estremecido beijo, que traduzia toda a paixão vulcanica que os dominava.

Queriam-se tanto! Era tão penoso o remate dos doces devaneios a que se entregavam! . . .

N'uma noite, demoraram-se mais. Era uma d'essas noites formosissimas de verão, em que a lua fulgurava no alto, como um disco d'aço polido. No meio do silencio dos seres e das cousas, só o grito melancolico d'uma ave noctivaga feria o espaço de quando em quando, indo perder-se ao longe na aldeia adormecida. E na atmosphaera, apenas agitada por um sopro levissimo começa-

vam a espalhar-se os perfumes emanados das flores silvestres... Os dois amantes, enlaçados, embebidos, perdidos em um mutuo arronbamento, com as respirações offegantes, repetiam os seus protestos apaixonados.

—Nunca me atraioarás, não?

—Para que m'o perguntas, Alberto? Não sabes que te quero tanto, que só tu és a minha felicidade, que sem ti eu morreria?

—Desculpa-me, mas olha que é falta um domingo para acabar a leitura dos nossos pregões. D'aqui a pouco, serás minha para sempre:

—Sim, tua até á morte.

Soaram 10 horas no campanario proximo. Elle então abraçou-a muito, dande-lhe os suspiros d'alma em ardentes beijos.

—Adeus, meu anjo.

—Adeus, meu amor.

E Rosita, antes de se recolher a casa, seguiu por muito tempo com a vista o seu querido Alberto, toda enlevada ne extasis do coração. Como se amavam! Que sinceridade em todas as suas expansões!

Havia na aldeia uma familia de muita respeitabilidade pela sua posição social, que era culminante.

O chefe—verdadeiro typo do *high-life*, apumado, elegante, donairoso, a despeite da sua idade avançada—era muito bem-quisto na localidade. Tinha dois filhos. Um estava em um collegio do Porto e o outro, o mais velho,—um homem já feito, com vinte annos completos—vivia com sua familia na aldeia, onde era conhecido pelo nome de Morgado. Fôra tambem estudante, mas o seu comportamento irregular e reprehensivel, as suas estroinices continuas fizeram com que perdesse a carreira digna e brilhante a que seu pae o destinava.

Estava, portanto, condemnado á vida do campo. Conformado, senão contente já, com a sua sorte, passava os dias ora em passeatas a cavallo, ora em digressões venatorias, ora em patuscadas e esturdias que o não tornavam muito sympathico. Era um perfeito bohemio.

As cachopas da terra prendiam-lhe notavelmente a attenção e era a ellas que, com especialidade, dirigia chalaças picantes, offensivas por vezes. Mostrava uma predilecção decidida pelo sexo fragil, de forma que não lhe escapou a Rosita. Dando-se uns ares de D. Juan, que lhe ficavam a matar, prometteu conquistá-la, ainda que para isso tivesse de vencer todas as difficuldades, os maiores obstaculos. Eram, pois, frequentes as vezes que elle passava á porta de Rosita, que ás suas graçolas respondia sempre com um sorriso de desdem. Assentada a costurar, nem ao mens levantava os olhos.

Um dia, estava visivelmente contrafeita, e elle, com uma tenacidade caustica, com um desplante e arrogancia abominaveis, fazia-lhe promessas tentadoras, offerencia garantir-lhe um porvir de commodidades e regalias, esfalfava-se em declarações de amor. Ah! se não fosse o respeito devido á familia do morgado, como ella lhe daria com a porta na cara! Passados momentos, chegou o Alberto, que reservara esse dia para descanço, tão successivos eram os seus trabalhos de lavoura. Deu um beijo na Rosita e sentou-se em frente d'ella, com as costas voltadas para o morgado. Este, assim desprezado, retirou-se furo, convulso, nervoso, allucinado. O seu egoismo revoltava-se em turbilhões de colera. Ridicularisado! desconsiderado por um laponio!

Oh! que projectos de vingança feroz se enroscavam, como serpentes malditas, no seu cerebro candente!...

Chegara o ultimo domingo do mez, dia de festa na ermida da serra. Uma alegria enorme parecia descer com a luz sobre todo esse oceano da natureza. Pela aldeia notava-se um movimento desusado. Era preciso ir-se á romaria, ouvir-se a musica, ver-se a tourada. E lá iam todos os rapazes e raparigas em direcção á serra, muito aceiados, muito garbosos, muito alegres, muito expansivos, cheios de mocidade, cheios de vida. Rosita ficou, em virtude das suas occupações domesticas e bem a seu pesar. Foi o Alberto, mas só para adquirir uns objectos de gosto, umas prendas de mimo que destinava á sua amada. Romagem fatal!... Encontrou-se lá com o morgado que, rodeado de amigos, não tendo esquecido a affronta recebida, o seguiu sempre, notavel de audacia e petulancia. Afastaram-se um pouco do arraial. Alberto, cercado logo pelos companheiros do morgado, foi alvo de insultos infamantes, cruéis, pungentes. E sempre que procurava retirar-se, recebia empurões d'uns e outros. Por ultimo, perdeu a paciencia e dando um salto, descarregou uma valente paulada no morgado. Este rugiu de dôr, e raivoso, desvairado, perdido, disparou á queima roupa um tiro de revólver sobre Alberto, que morreu instantaneamente.

do seu coração. Como sentia já o prazer delicioso de ver as prendas que elle lhe trazia! E brevemente uniria o seu destino ao de Alberto!... Ah! como ella havia de amal-o! como havia de querer-lhe! como lhe pagaria as delicias espirituas em que sobrenadava!

Mas Alberto demorava-se! mas Alberto não estava á hora do costume!... Porque não apparecia?! E Rosita ia-se preocupando progressivamente. Tão pontual que elle era!...

Chegou, porém, uma rapariga sua visioha. Vinha pallida, muito triste, muito afflicta, com os olhos ainda humidos de chorar.

—Não viste o Alberto? inqueriu Rosita.

—Vi, vi, mas...

—Anda, falla. Onde está elle? onde ficou?

—Ah! Rosita, que desgraça!... E as lagrimas corriam-lhe em fio.

—Jesus! que tens? Dize o que houve, por quem és, pelo amor de Deus!

—O Alberto...

—Que lhe aconteceu?

—Mataram-o, respondeu a sua amiga a custo, por entre soluços que confrangiam o coração.

Rosita deu então um gemido abafado, surdo, dilacerante e cahiu exanime no chão...

Passados dias, o sino da aldeia annunciava lugubrememente a morte de Rosita, d'essa loura creança, d'esse anjo bom que todos estremeciam e abençoavam.

Infeliz!...

Mezão-frio.

EDUARDO FRIAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE FALCARREIRA

Acaba de fallecer, victima d'uma atroz doença, que ha muito o acorrentára ao leito, este benemerito e respeitavel cavalheiro cujo retrato vimos acompanhar d'alguns ligeiros traços biographicos.

O visconde de Falcarrreira, Pompilio Augusto Franco, nascera em S. Luiz do Maranhão a 4 de agosto de 1836, e era segundo filho do fallecido commendador José Gonçalves de Azevedo Franco, e da ex.^{ma} sr.^a D. Anna Rita Sarmento, e irmão do sr. visconde de Franco, do qual era socio na firma—João Gonçalves Franco & Filhos,—uma das primeiras casas bancarias de Lisboa, que por diversas vezes prestou grandes serviços ao thesouro portuguez.

A sua casa commercial, instituida ha muitos annos por seu fallecido pae, gozou sempre de toda a respeitabilidade, como é notorio não só em Portugal, mas tambem em todas as praças da Europa e da America.

O visconde de Falcarrreira, sobre ser entendido em questões bancarias, era um habilissimo guarda livros, e bastava conversar com elle a primeira vez, sobre escripturação commercial, para se ter logo a prova d'esta verdade.

Casou aos 27 de fevereiro de 1864 com a ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Augusta de Almeida, actual viscondessa do mesmo titulo, deixando oito filhos, a quem elle estremecia como chefe de familia exemplar que era.

Factos houve na vida do nosso biographado verdadeiramente notaveis e proprios d'um coração que se condoia das desgraças alheias. Nunca era em vão que os infelizes appellavam para a alma essencialmente caritativa do visconde de Falcarrreira; a sua porta nunca se fechava ás supplicas dos desventurados. E quantas vezes elle soccorria a occultas os indigentes! Quantas vezes a sua mão protectora ia levar o consolo e matar a fome a familias necessitadas!

O visconde de Falcarrreira exercia a caridade, como ella deve ser comprehendida, sem galardão, sem reclamo.

De tracto extremamente agradavel, era estimado por todos aquelles que o conheciam e que com elle tratavam.

O illustre finado pertencia a muitas associações de beneficencia e d'algumas d'ellas era fundador.

Tinha as commendas da Conceição e de Christo, e era official da ordem da Roza do Brazil, condecoração esta recebida pelos serviços prestados á Sociedade de Beneficencia em Portugal.

O CONSELHEIRO JOÃO DE ANDRADE CORVO

A poucos é dado o privilegio d'esta gloria:—Ouvir na vida os applausos da posteridade.

A' nci'e, Rosita esperava, radiante de felicidade, o querido



MODAS

Pudor ou ciúme, isenção ou independência, ha o que quer que seja que parece conter as expansões da admiração publica perante os que deveras a despertam.

A certeza de que elles ouvirão o louvor que merecem, se incita os aduladores, subjuga quem até de parcel-o se arreceia.

E' preciso, pois, ser benemerito entre os benemeritos, distincto entre os que mais o são, para que o sentimento do justo se enthronise sobre essas fragilidades e d'abi falle com desassombro, consciente da sua nobreza, da sua independência, da sua supremacia, que tão grande é ella que houve já quem lhe chamasse — primeiro juízo de Deus.

Mas se esta apothese é rara, tanto mais privilegiada é por isso a sorte dos que a merecem.

Entre os poucos homens celebres, que entre nós recebem o culto fervoroso da opinião, sem dependencia das caprichosas evoluções da politica, sobresae, ao lado dos primeiros, o sr. conselheiro João de Andrade Corvo.

Quer isto dizer que tem elle valor intrinseco, merecimento real, qualidades pessoaes; quer isto dizer que elle é só equal a si; que não precisa ataviar-se com os arminhos da governação para ser cortado, que não carece de altear-se sobre a cadeira do poder para sobrelevar-se e ser visto.

Para o sr. Corvo, as honrarias são accessorios, não condição essencial. Aprecia-as, e deve apreciar-as pelo muito que significam para quem as merece, mas não pôde nem deve considerá-las como fundamento ou razão da sua importancia.

O sr. Corvo pertence ao escasso numero dos que pagam ao poder as honras que elle confere, honrando o com a sua auctoridade, com o seu talento, com os seus creditos, adquiridos a preço de serviços relevantes.

Como homem de sciencia, attestam a sua superioridade os trabalhos com que tem honrado o magisterio superior; como homem de letras, dão testemunho da sua valia os escriptos com que tem enriquecido a litteratura patria; como homem d'estado, affirmam a sua competência os actos da sua administração em dois gabinetes de longa duração e de respeitavel e respeitada memoria.

Chamado aos conselhos da corôa pela vez primeira, em 6 de junho de 1866, e sendo lhe confiada a pasta das obras publicas, que dirigiu até 4 de janeiro de 1868, refundiu, addiu, engrandeceu a legislação agricola, industrial, commercial, bancaria, em harmonia com as theorias mais liberaes e com as aspirações mais nobres da opinião, completando, com uma iniciativa verdadeiramente assombrosa, o pensamento que inspirára ao conselheiro Fontes Pereira de Mello, em 1851, a criação d'aquelle ministerio.

A emancipação das sociedades anonymas, das sociedades de soccorros mutuos, das companhias industriaes, das instituições bancarias, a emancipação de todas estas corporações, que são outros tantos elementos da prosperidade do paiz, dentro dos limites da lei, que não deve ser oppressão mas tutela, que não deve ser vexame mas protecção e garantia, pertence exclusivamente ao sr. conselheiro Andrade Corvo.

Em 1871 foi este estadista, que assim affirmára a sua competência, já provada em tantas commissões importantes, nomeado ministro dos negocios estrangeiros, e pouco depois, ministro da marinha e ultramar.

Não esqueceram ainda, não esquecerão jámais, seja qual for a capacidade de quem no futuro houver de exercer estes cargos, os actos valiosissimos com que o sr. conselheiro Andrade Corvo ennobrecen a sua administração em ambas aquellas pastas.

A aptidão e auctoridade do sr. conselheiro Corvo estavam justificadas pela consideração que sempre lhe dispensára todo o corpo diplomatico, pelas provas de respeito com que o haviam honrado as côrtes estrangeiras, pela elevação com que desempenhára o cargo do nosso ministro plenipotenciario junto do governo de Hespanha.

Dos documentos officiaes constam as deliberações acertadissimas com que o sr. conselheiro Corvo resolveu todas as pendencias e negocios diplomaticos, occorridos durante a sua gerencia. Mais de uma vez a observação imparcial tem alludido a esses documentos, e mais de uma vez tem feito justiça á valia incontestavel de todos elles, ao merito que os caracteriza, ao patriotismo que os distingue.

Como ministro das colonias, quem ha ahí que ignore, que não applauda, que não reflira os seus grandes feitos, os seus serviços relevantes, a sua iniciativa incansavel?

As exposições que organisou, os melhoramentos que emprehendeu, as medidas acertadissimas que decretou, revelando desde logo a sua importancia e alcance, provam com resultados praticos da maior utilidade para os interesses coloniaes, a que estão intimamente ligados os interesses nacionaes, quão elevado e patriótico foi o pensamento que as inspirou.

O sr. conselheiro Andrade Corvo goza merecidamente das sympathias do publico. E' respeitad) pelos seus talentos e pelos seus serviços. A opinião reclamou em 1878 a sua presença no gabinete, porque, comprehendendo as difficuldades da politica externa, sabia por equal que a independência de paizes pequenos, como o nosso, só pode ser garantida pela auctoridade e bom conselho da sua diplomacia, pela austeridade dos seus exemplos, pe-

la gravidade do seu proceder, e que o sr. conselheiro Corvo era um dos mais fieis, dos mais dignos, dos mais dedicados, dos mais auctorizados mantenedores dos nossos direitos e dos nossos interesses nacionaes.

Ultimamente, ha poucos dias ainda, um antigo correligionario seu, pretendeu maisinar-lhe a honra, n'uma carta que andou a correr mundo.

Mas a honra de João d'Andrade Corvo é impolluta, não ha nada que a conspurgue.

D'essa carta conclue-se uma coisa que nem todos sabiam:— é que Andrade Corvo, o glorioso estadista que geriu quasi todas as pastas, chega ao occaso da vida pobrissimo.

Está n'isto o seu maior elogio.

A CONFISSAO

O quadro que hoje reproduzimos em gravura é original do eminente artista, Vicente Palmaroli, director da Real Academia Hespanhola de Bellas Artes em Roma.

A *Confissão* representa uma scena que não exige detalhes descriptivos; a expressão das figuras diz por si o bastante. Dois jovens enamorados que segredam ternuras á beira mar, confessando um ao outro tudo quanto lhes vae n'alma.

A attitude dos dois é natural e graciosissima.

MODAS

Damos hoje dois figurinos elegantissimos e de uma novidade indiscutivel, que respondem ás duas principaes exigencias da toilette invernal: a capa e o chapéu.

Ellos:

1.º—Chapéu redondo de feltro lontra, copa baixa e grandes abas. Guarnecem-o uma fita, que forma atraz um laço, e tres plumas que vêm por cima da copa descahir na parte da frente.

2.º—Capa para passeio.

Saia de lã lisa, armada em prégas ao alto e formando puf atraz. Capa-visita em panno cinzento rato, bordado de applicações de passamanaria. A parte da frente prolonga-se em ponta, cingida com um cinto russo bordado. A capa abre no peito sobre um plissado do mesmo panno.

Applicações bordadas na gola e nos hombros.

Completa esta toilette, de uma singeleza perfeitamente britannica, um chapéu capota, de aba muito sabida, enfeitado com um molho de plumas e um laço de fita, collocado ao lado; véu de gaze cinzenta.

A SALA DO THRONO NO VATICANO

A nossa estampa representa a sala de audiencia onde está o throno pontifical, no Vaticano.

Os adornos são dos mais ricos e opulentos; as tapeçarias, os estofos, as bellissimas talhas da India, dão á sala um aspecto magnifico.

O Vaticano, depois do regresso de Avignon, em 1377, serviu para residencia de todos os Papas. O palacio é uma reunião de edificios nos quaes trabalharam os mais celebres architectos. Mede 250 metros de comprido e compõe-se de tres andares com uma infinidade de salas, um museu immenso, um jardim, etc. Ignora-se a época da sua fundação.

A galeria dos quadros, que é a bem dizer devida exclusivamente a Pio VII e que encerra todas as obras primas de pintura, foi restaurada em França depois da paz de 1815. Encontram-se allquadros de Raphael, de Leonardo de Vinci, de Guercio, de Criivelli, de Francisco Francia, de Pedro Perugino, de Benevuto Garofalo, de Dominiquino, de Ticiano, de Caravage, de Guido Ressi, de Nicolau Poussin, de Frederico Barrocci, de Paulo Veronezo, de André Sacchi, etc. etc.

A bibliotheca do Vaticano contém 126:000 volumes, entre elles 25 mil manuscriptos. A galeria das estatuas, encerra monumentos unicos.

Mencionaremos ainda algumas partes principaes d'este maravilhoso palacio: o sacro museu; o aposento Borgia; os museus Chiaramonti e Pio Eminentino, que conteem riquissimas collecções de esculpturas antigas; a sala dos animaes; a sala dos bustos; a sala das musas; o museu egypcio; o museu etrusco-gregoriano, onde apparecem os mais preciosos monumentos etruscos que se encontraram no começo d'este seculo nas escavações da antiga Etruria; a galeria dos candelabros; as camaras de Raphael; a grande sala de Constantino; a camara da escola de Athenas, e finalmente os jardins do Vaticano, onde Pio IX tanto gostava de passear.

EM FAMÍLIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

(A Antonio Martins Romão e Antonio Martins Churro)
Um premio ao primeiro d'estes srs, que, no prazo de oito dias, enviar a decifração para a redacção da *Illustração Portuguesa*

Dedico sómente a dois,
E' bastante; é já de mais;—2
Dá signal d'entristecer,
Ou com que vos alegraes.—2

T'arrenego, Belzebuth!
E's o diabol! E s traçoieiro!...
Tuas obras pagaras!!!...
Morrerás no Limoeiro.

Covilhã.

ANTONIO R BRANCAL.

Diz-me cá, leitor amigo,
Já que tens 'sperteza tanta:
Qual o rio da Phenicia
Que é mancebo, peixe e planta?!—3

V zeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Enigma

'stou agora, que começo,
Em circumstancias precarias...
Mas, cinco letras lh'off reço
—Não bancarias!—

Prima, tertia e quinta minhas
Não sei de que tribunaes
Que, todas muito eguaesinhas
São rogues.

Segunda e quarta, pedantes!
São tolas, intransigentes,
Visto serem consoantes
São diffrentes.

As syllabas que tres são
Velam p'lo socego, olé!
E logo p'ra baixo dão
Se ha banzél!

O todo, saiba tambem,
Ao fim de tantas conversas,
Tres significações tem
Bem diversas.

Uma villa vé primeiro,
Em seguida, ave lhe cito,
E após rio brasileiro...
Tenho dito.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Lisbonino—Tremelga.
DO LOGOGRIPO:—Campo: mor.

UM CONSELHO POR SEMANA

DOCE DE TOMATES

Com a polpa do tomate faz-se uma magnifica marmelada, mui semelhante, no gosto, á goiabada do Brazil. Esta marmelada prepara-se do seguinte modo: Tira-se a pelle aos tomates, e cortam-se aos pedaços, extrahindo lhes todas as pevides.

Deitam-se depois n'um tacho, em peso igual de assucar branco refinado, e reduzem-se a massa, pela cocção, á consistencia da marmelada espessa, que se aromatiza, com limão, caella ou agua de flôr de laranja.

A RIR

Authentico.

Una pobre mulher, que jaz no Hospital de S. José ha longo tempo, chama um enfermeiro que passa junto d'ella, e diz-lhe:

—Não posso continuar a permanecer junto da minha visinha da direita.

—Porque?

—E' uma gulosa. Come todos os dias as minhas pillulas e bebe os meus remedios!

A FLORISTA

A Mariquinhas florista, como lhe chamava a visinhança, vivia acompanhada unicamente de uma creada velha, n'uma casa terrea, muito branqueada a cal, como é uso nas ruas mais pobres da cidade de Ponta Delgada.

Orphã de pae e mãe, valera-se dos seus recursos para viver. Fazia flores admiravelmente. O intimo convivio com a natureza, que ella copiava do natural, percorrendo os campos e os jardins, dotara-a d'essa serenidade encantadora que é apanagio das almas contemplativas.

A Mariquinhas imitava perfeitamente os arbustos, as arvores e os fructos. Na eterna primavera açoriana, encontrava sempre exemplares de uma variedade infinita para as suas combinações. Ninguem como ella imitava um raynunculo, uma dahlia, uma camelia branca, uma rosa, um cravo, um tronco, um galho na sua curvatura airosa, a folhagem lisa ou dentada do arvoredado, o musgo, a côr, o orvalho, o brilho ou o tom mate.

Era um prodigio d'observação, arte e elegancia. Fazia o desespero das freiras e a inveja das outras floristas de profissão.

Vêr uma silva de flores em volta de um quadro do *Ecce Homo*, que os seus devotos patricios lhe encommendavam do Brazil, era uma illusão perfeita.

Mas tambem, que feitura! Apanhava u na rosa, arrancava-lhe as folhas, collocava-as em cima do papel, recortava-as, armava-as, e sai a flor perfeitamente igual. D este processo, resultava a variedade e a verdade.

E vivia satisfeita e tranquilla no seu atelier, na preocupação do trabalho honesto e vivificante.

Formosa como uma ingleza, os seus olhos azues e vivos tinham o tom alegre e casto do campo; e quando saía, apertado o busto delicado n'um vestido liso, uma rosa no corsage, e sobre os cabellos loiros um chapeo singellissimo, de palha, parecia uma allegoria da primavera.

Os homens paravam a vel-a, pasmados de tanta simplicidade e elegancia. E, coisa notavel—as mulheres não diziam mal! Parecia que a joven florista circulava nas ruas, pedindo licença a toda a gente para passar. Tal era a sua humilde seriedade.

* * *

Um dia, a confraria de Santa Clara, nos suburbios da cidade, depois de ter arruinado os respectivos mesarios com embellezamentos e reconstrucções na igreja, resolveu, em despique com outras confrarias, fazer pela primeira vez a procissão da santa.

Todo o dinheiro obtido pacientemente durante um anno de quotas e peditorios dominicaes, foi absorvido no manto azul celeste bordado a oiro para a santa, na aureola de prata com a respectiva estrella, no andor de bella talha doirada e no vestido de setim roseo, recamado d oiro. Só faltavam as flores artificiaes, como era d'uso, e que tinham sobre as naturaes a vantagem de custar mais caro e servir nos annos seguintes.

O thesoureiro correu todas as floristas da cidade, todos os conventos, mas em toda a parte allegaram que eram pobres e não podiam trabalhar de graça. Ainda mesmo que a confraria encontrasse quem fizesse a mão d'obra gratuitamente, a materia prima andava por um dinheirão.

Que fazer? O tempourgia. Faltavam só quinze dias para a estrondosa festa.

Reuniram os mesarios e um d'elles lembrou que não se tinha ainda feito nenhuma tentativa junto da Mariquinhas, a famosa florista.

—Oral Essa é careira como os demonios! observou o provedor.

—E ainda é mais pobre do que as outras, disse o thesoureiro.

—Ha-de pedir o dobro do que as suas collegas pedem, porque vive do seu trabalho.

—Mas sempre será bom ouvir-a, disse o secretario.

Os mesarios encolheram os hombros, desanimados.

—Vamos lá em commissão, terminou o secretario. Santa Clara póde fazer um milagre.

—Pois vamos, mas é tempo perdido, resmungou o provedor. E fôram.

Quando a commissão entrou a porta da Mariquinhas, grande foi o espanto da creada velha, diante do aspecto quasi funebre de tão insignes carolas.

—Será alguma penhora? pensou a creada. Mas a menina, graças a Deus, não deve nada a ninguem!

Os mesarios foram recebidos pela Mariquinhas com um sorriso benevolente. Já sabia tudo o que se tinha passado com as collegas.

Depois da longa e lamurienta exposição que lhe fizeram os mesarios, a florista deu esta resposta encantadora:

—Queiram mandar amanhã o andor da santa. Farei tudo.

Os mesarios entre-olharam-se, e o thesoureiro, mais corajoso, por ser o responsavel pelo pagamento, atreveu-se a perguntar.

—E quanto leva a menina?

—Não me disseram que a santa é pobre, e não tem dinheiro?

—Nenhum, absolutamente.
 —Pois bem. Não levo nada pelo meu trabalho.
 —Mas minha rica menina, se tem a generosidade de não levar nada pelo seu trabalho, o que Santa Clara ha de agradecer, isso não resolve a questão.
 —Porque?
 —Porque sempre ha a fazer a despesa com o papel e mais preparos.
 —E não é pequena, disse a joven florista, rindo.
 —Em quanto a calcula? tornou o thesoureiro.
 —Em duzentos mil réis.
 —Jesus! Não se pôde fazer a procissão! exclamaram todos os mesarios consternados.
 A Mariquinhas poz-se pensativa. Ao mesmo tempo, nas palpebras dos mesarios viam-se tremer algumas lagrimas.
 De subito, a florista levantou a sua formosa cabeça e disse simplesmente, encarando os com resolução:
 —Faço as flores á minha custa.
 Os pobres homens apoderaram-se-lhe das mãos delicadas e beijaram-as com frenesi.
 —Santa Clara ha de dar-lhe o pago, minha querida menina! diziam elles soluçando.

Foi gente vel-a a casa, de proposito, sob o pretexto de encomendar flores.

Os mesarios abriram uma subscrição e mandaram fazer uma pequena corôa de prata, com uma dedicatória gravada, e fôram em commissão, acompanhados de uma philarmonica, offerecer-lh'a.
 Mas ainda o agradecimento de Santa Clara não ficou por aqui. Um filho do provedor, que estava no Brazil ha trinta annos e que nunca déra signal de si, chegou de repente á terra. Vinha riquissimo e solteiro. Era um homem de meia idade, ex-negociante de molhados. Trespassára a sua parte na sociedade de uma casa importante e vinha descaçar o resto dos seus dias na patria.

Com a apparição do brasileiro, a confraria tomou novo alento e desafiou todas as suas congeneres a desbancarem-n'a.

Sabedor o brasileiro do generoso procedimento da florista, informou-se a seu respeito, e um dia, acompanhado do pae, entrou-lhe pela porta dentro.

—Venho trazer-lhe os duzentos mil réis, disse o velho provedor á florista. Roe-me na consciencia que a menina tivesse gasto esse dinheiro das suas economias.

—Não acceto, respondeu ella resolutamente. Não perdi nada, porque este acontecimento duplicou-me a freguezia. Santa Clara não me deve cinco réis.



A SALA DO THRONO NO VATICANO

Ella respondeu-lhes simplesmente:
 —Não se esqueçam de me mandar amanhã o andor. Tenho de trabalhar dia e noite. Não ha tempo a perder.
 Os mesarios despediram-se contentissimos e atravessaram as ruas da cidade n'um passo largo e victorioso.

Chegou o dia da festa na igreja e procissão. Toda a gente, especialmente as senhoras, não queriam acreditar que tinham diante dos olhos flores feitas por mãos humanas.

Era um prodigio o que a Marquinhas tinha feito. A Santa emergia de uma pyramide de flores de uma variedade e belleza deslumbradora. A enorme base da pyramide, feita de musgo artificial, crivado de pequeninas flores silvestres, tinha uma tal novidade e distincção artistica, saía de tal modo da tradicional fileira de ramos esguios, espetados em volta do andor, que um murmuro de admiração cortava o ar á passagem d'este.

Correu logo a noticia da fidalga generosidade da rapariga. 8 jornaes contaram tudo: o seu viver modesto, a sua orfandade, não esqueceram a sua belleza.

Então o filho do provedor, acercando-se da Mariquinhas e tomando-lhe as mãos, disse, visivelmente commovido:

—E tambem não acceto a mão de esposo de um homem de bem e rico sufficientemente para a fazer feliz?

—Oh! senhor! exclamou com adoravel enleio a encantadora rapariga, fazendo se escarlate.

—Bem sei, continuou o brasileiro, que não posso comparar-me a nenhum d'esses peralvilhos almiscarados, que tanto agradam ás raparigas; mas offereço-lhe um coração fiel e amante.

—Heide pensar! respondeu ella graciosamente. Esta questão é mais difficil de resolver do que a de Santa Clara...

—Pois bem, tornou o brasileiro. Tem quinze dias para pensar: o mesmo espaço de tempo que levou a fazer as flores para Santa Clara.

E sahiram ambos de casa da florista.

Escusado será dizer que tres mezes depois, estavam casados e felizes.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica